



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS CLÓVIS MOURA
LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS



AMANDA MARIA NASCIMENTO BARBOSA

**MEMÓRIA E NARRATIVIDADE NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA
BRASILEIRA NA OBRA LEITE DERRAMADO, DE CHICO BUARQUE**

TERESINA
2025

AMANDA MARIA NASCIMENTO BARBOSA

**MEMÓRIA E NARRATIVIDADE NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA
BRASILEIRA NA OBRA LEITE DERRAMADO, DE CHICO BUARQUE**

Trabalho final de graduação apresentado ao
Curso de Letras Português da Universidade
Estadual do Piauí – Campus Clóvis Moura,
como requisito parcial para obtenção do grau de
Licenciada em Letras Português.

Orientador: Prof. Dr. Herasmo Braga de Oliveira
Brito.

TERESINA
2025

AMANDA MARIA NASCIMENTO BARBOSA

**MEMÓRIA E NARRATIVIDADE NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA
BRASILEIRA NA OBRA LEITE DERRAMADO, DE CHICO BUARQUE**

Trabalho final de graduação apresentado ao
Curso de Letras Português da Universidade
Estadual do Piauí – Campus Clóvis Moura,
como requisito parcial para obtenção do grau de
Licenciada em Letras Português.

Aprovada em: ___/___/2025

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Herasmo Braga de Oliveira Brito
Orientador

Profa. Me. Daniela Sousa da Rocha– UFPI
1^a Examinadora

Prof. Dr. Lúcia Maria de Sousa Leal Nunes – UESPI
2^a Examinadora

Dedico este trabalho aos meus pais,
Antônio Barbosa de Araújo e Maria Alice
do Nascimento, cujo sacrifícios silenciosos
e sonhos renunciados edificaram os
alicerces que me permitiram trilhar meus
caminhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente a Deus que me concedeu serenidade e força para trilhar este caminho e concluir este trabalho. Sem Ele, nada disso seria possível. Especial agradecimento aos meus pais Antônio Barbosa de Araújo e Maria Alice do Nascimento, pelo apoio incondicional, amor e confiança que sempre me deram, incentivando-me a seguir meus sonhos e nunca desistir. Aos meus amados irmãos Wanderson e Ana Kauane, que são espelhos para a minha formação, que com carinho e incentivo, me ajudaram a manter o foco e a determinação durante toda a trajetória. Ao Gustavo Fontinele, que foi meu apoio incondicional durante toda a jornada deste trabalho e durante todos os momentos importantes na minha vida. Sua paciência, compreensão e encorajamento foram fundamentais nos momentos de desafio e incerteza. Agradeço por estar ao meu lado, por acreditar em mim, sua presença iluminou meu caminho e me motivou a seguir em frente. Aos meus avós Domingos Rosa e Gregória Barbosa, que sempre foram fonte de amor, sabedoria e apoio incondicional ao longo da minha vida. A minha prima Keilane Maria, que sempre esteve disponível para ouvir e compartilhar palavras de apoio que foram essenciais para trilhar esse percurso. Agradeço imensamente ao meu professor orientador Herasmo Braga, cuja orientação, conhecimento e dedicação foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho. Por fim, aos meus amigos da universidade, que fizeram dessa jornada mais leve, divertida e enriquecedora. A todos vocês, minha eterna gratidão por fazerem parte dessa conquista.

“A memória é o essencial, visto que a literatura está feita de sonhos e os sonhos fazem-se combinando recordações.”

(Jorge Luis Borges)

RESUMO

O presente trabalho objetiva analisar a obra *Leite Derramado* (2009), de Chico Buarque, através dos aspectos da identidade narrativa e da memória como elementos configuradores da Literatura Brasileira Contemporânea. Para tanto, adotou-se uma pesquisa do tipo qualitativa de cunho bibliográfico, devido ancorar-se em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos, fundamentada nas visões de Halbwachs (1990) Cândido (2000), Le Goff (2003) e Ricoeur (1991), Bergson (1999), dentre outros. Inicialmente, procurou-se analisar o aspecto geral da narrativa e suas nuances, investigando os elementos estruturais e temáticos que a constituem. Em seguida, aprofundou-se o estudo na compreensão de como a memória desempenha um papel fundamental na reconstrução do passado, explorando suas implicações na formação da subjetividade do personagem. Nesse processo, buscou-se analisar como os conceitos da memória contribuem para a construção da identidade narrativa, destacando a relação entre o passado, a percepção individual e as transformações identitárias ao longo da trama. Feita as análises, constatou-se que a identidade do personagem influencia diretamente toda a narrativa, pois sua individualidade se modifica ao longo da obra, revelando a participação de outros personagens nessa construção. Essa interconexão entre as identidades na narrativa destaca como as experiências compartilhadas e as memórias coletivas impactam a formação do eu, criando um tecido narrativo onde cada personagem contribui para a construção da identidade do protagonista Eulálio. Diante disso, conclui-se, que no romance *Leite Derramado* (2009), a identidade narrativa revela-se dinâmica e em constante transformação.

Palavras-chave: memória; identidade narrativa; subjetividade.

ABSTRACT

The present study aims to analyze the work *Leite Derramado* (2009), by Chico Buarque, through the aspects of narrative identity and memory as configuring elements of Contemporary Brazilian Literature. To this end, a qualitative research of bibliographic nature was adopted, as it relies on already elaborated material, mainly composed of books and scientific articles, substantiated on the perspectives of Halbwachs (1990), Cândido (2000), Le Goff (2003), Ricoeur (1991), Bergson (1999), among others. Initially, the general aspect of the narrative and its nuances were analyzed, investigating the structural and thematic elements that constitute it. Subsequently, the study delved into understanding how memory plays a fundamental role in reconstructing the past, exploring its implications for the formation of the character's subjectivity. In this process, an effort was made to analyze how the concepts of memory contribute to the construction of narrative identity, highlighting the relationship between the past, individual perception, and identity transformations throughout the plot. After the analyses, it was found that the character's identity directly influences the entire narrative, as their individuality changes over the course of the work, revealing the participation of other characters in this construction. This interconnection between identities within the narrative highlights how shared experiences and collective memories impact the formation of the self, creating a narrative fabric where each character contributes to shaping the protagonist Eulálio's identity. Therefore, it is concluded that in the romance *Leite Derramado* (2009), narrative identity is revealed as dynamic and constantly evolving.

Keywords: memory; narrative identity; subjectivity.

SUMÁRIO

CAPÍTULO I: UMA ABORDAGEM INICIAL.....	9
CAPITÚLO II: MEMÓRIA E IDENTIDADE NARRATIVA - INTERSECÇÕES NA CONSTRUÇÃO DO NARRADO	14
2.1 Memória: considerações conceituais	14
2.2 Literatura e identidade narrativa	18
2.3 Memória, literatura e tradição cultural	22
2.4 Subjetividades dos personagens	25
CAPÍTULO III: ECOS DO PASSADO - IDENTIDADE E MEMÓRIA EM FLUXO	32
3.1 As representações da memória em <i>Leite Derramado</i>	32
3.2 Memória e identidade: a construção da identidade narrativa em <i>Leite Derramado</i>	38
3.3 A memória dos lugares em <i>Leite Derramado</i>	42
CONCLUSÕES E REFLEXÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS	

CAPÍTULO I: UMA ABORDAGEM INICIAL

Segundo a mitologia grega, Mnemósine, é a deusa da memória, e uma das mais poderosas divindades do panteão grego, cuja importância se reflete em sua função de nomear todos os objetos existentes. Ela representa não apenas a capacidade de recordar, mas a própria fundação da subjetividade humana, uma vez que é através da memória que o homem se distingue das outras criaturas no reino animal. A memória, nesse contexto, não é apenas um mecanismo de retenção de informações ela é o alicerce que estrutura a identidade individual e coletiva. Sendo assim, a memória se configura como um elemento fundamental nas narrativas, atravessando o íntimo do narrador e influenciando toda a trama. Ela não apenas compõe o enredo, mas também constitui a identidade narrativa, que reflete as transformações e a percepção do indivíduo em relação ao mundo e ao seu próprio processo de ser.

Assim, o presente trabalho tem como objetivo analisar a obra *Leite Derramado* (2009), de Chico Buarque, através dos aspectos de identidade da narrativa e da memória como elementos configuradores da Literatura Brasileira Contemporânea. Diante disso, a motivação em trabalharmos com esta temática é fruto do desenvolvimento de uma pesquisa de iniciação científica- PIBIC/CNPq-UESPI, edital 2023/ 2024 na qual foi essencial para ampliar a busca na área de pesquisa.

O livro *Leite Derramado*, lançado em 2009, conquistou em 2010 o Prêmio Jabuti na categoria Melhor Romance. Chico Buarque, amplamente reconhecido como um dos maiores artistas brasileiros, começou a se projetar no cenário musical em 1966, quando sua música “A Banda” venceu o Festival da Música Brasileira daquele ano. No entanto, a música sempre esteve presente em sua vida, desde composições infantis nunca gravadas até as cantigas e influências das irmãs, especialmente Miúcha, cantora e sua irmã mais velha, além dos muitos amigos artistas e intelectuais do seu pai, o historiador e jornalista Sérgio Buarque de Hollanda. A trajetória de Chico Buarque é marcada pelo engajamento político e social, uma característica presente não apenas nas suas canções, mas também no teatro, com adaptações e produções em parceria com dramaturgos como Augusto Boal. A crítica social, em suas obras,

assegura o lugar de Chico como cidadão, utilizando a arte para denunciar problemas e propor novos caminhos.

Além de um exímio compositor e cantor, Chico Buarque também é reconhecido por suas grandes produções no campo da literatura. Seus romances se destacam pela escrita crítica, com uma linguagem simples, mas ao mesmo tempo rebuscada, subjetiva e engenhosa. Sua capacidade de envolver o leitor é notável, e isso é evidente na obra *Leite Derramado* (2009), que, assim como outros de seus romances, confirma sua consagração no mundo literário. Na carreira literária, Chico Buarque foi vencedor de três Prêmios Jabuti: em 1992, com *Estorvo*; em 2004, com *Budapeste*; e, em 2010, com *Leite Derramado* 2009, que também conquistou o título de Livro do Ano.

Leite Derramado (2009) narra a história de um velho no leito de morte, num monólogo centrado em dois tipos de morte: a física e a psicológica. O protagonista é Eulálio Montenegro D'Assumpção, que, à beira da morte, rememora sua vida e a história de sua família e da sociedade em que vive. Eulálio descreve os acontecimentos com clareza, mas sem muita certeza da realidade, já que se encontra prostrado em uma cama de hospital, refletindo sobre seus últimos dias. Ele revive momentos de felicidade, como as férias passadas na fazenda de sua rica e prestigiada família, suas viagens à Europa com seu pai, e o momento marcante em que viu pela primeira vez Matilde, a mulher de sua vida, que, embora tenha surgido em um episódio trágico para sua família, deixou-lhe uma lembrança inesquecível. Porém, a memória de Eulálio também é permeada por frustrações e perdas, como a decadência de sua fortuna, que foi gradualmente desfeita por dívidas, golpes de interesseiros e crises econômicas. Mas nada se compara à perda de sua esposa Matilde, um acontecimento que, de forma definitiva, desestruturou sua vida e o destino de sua família. Através da narrativa, o leitor é levado a questionar a realidade do que é lembrado e o impacto dessas memórias na construção da identidade e no processo de autocompreensão do protagonista.

Diante disso, a presente pesquisa tem como objetivos específicos: analisar como a identidade da narrativa atua na configuração da obra *Leite Derramado* (2009), de Chico Buarque; e investigar como a narrativa memorialista contribui para a construção da identidade do personagem Eulálio Assumpção em *Leite Derramado* (2009). Tais objetivos surgiram com o intuito de responder ao questionamento que adotamos como problema para a nossa pesquisa: de que maneira a obra *Leite*

Derramado (2009), de Chico Buarque aborda os aspectos da memória e identidade narrativa?

Para nos subsidiar em busca das respostas aos nossos objetivos, utilizamos como aporte teórico Halbwachs (1990) Cândido (2000), Le Goff (2003), Ricoeur (1991) e Bergson (1999). Os referidos autores tratam da memória e da identidade narrativa como elementos configuradores de uma narrativa memorialista.

Na literatura brasileira contemporânea, o tema da memória e narratividade desempenha um papel crucial na representação da identidade cultural e na compreensão das transformações sociais. Visto que, a memória é frequentemente utilizada como uma forma de resgate e reconstrução de histórias silenciadas ou marginalizadas, que atuam ampliando as vozes e experiências presentes na literatura. Tendo isso em vista, esta pesquisa se justifica dentro da perspectiva de investigar como os personagens são apresentados no enredo, com especial atenção as suas subjetividades e às ações desencadeadas por sua identidade, a qual molda e define todo o seu ser. Além disso, o estudo busca compreender de que maneira a construção da memória e da identidade narrativa influencia o comportamento do personagem Eulálio, refletindo, assim, as complexidades e os conflitos internos que permeia sua trajetória.

Esse enfoque torna-se particularmente relevante, pois permite uma análise mais profunda das variadas facetas dos vieses memorialistas na literatura, contribuindo para o entendimento dos mecanismos de construção da identidade dentro do contexto literário. Além disso, ao explorar a interseção entre memória e identidade narrativa, a pesquisa visa impulsionar novos estudos que possam dialogar entre si, enriquecendo o campo literário e ampliando os resultados obtidos, com a intenção de oferecer novas perspectivas e abordagens sobre o tema.

É inegável a existência de trabalhos acadêmicos relativos à análise do livro *Leite Derramado* (2009), no entanto, dentre os artigos e monografias encontradas, não há menção a investigações no que concerne a relação da memória com a identidade narrativa. Mírian¹ Sumica Carneiro Reis (2017), faz um estudo comparativo da canção velho Francisco e a obra *Leite Derramado* relatando as memórias da decadência em

¹ Mírian Sumica Carneiro Reis. Velho Francisco, *Leite Derramado*, o Brasil de Chico Buarque – memórias da decadência em verso e prosa. Iberic@I, 2014, 5, pp.125-135. <hal-03813615>

verso e prosa. Lílian² Paula Serra e Deus (2018) em um artigo científico discute os aspectos das As raízes do Brasil em *Leite Derramado* (2009) e Mayara³ de Andrade Calqui⁴ (2021) em sua tese de doutorado faz uma análise dos romances *Leite Derramado* e *O Irmão Alemão*, de Chico Buarque. Diante disso, podemos afirmar que estes trabalhos são só uma amostra das pesquisas já realizadas sobre a obra *Leite Derramado*.

Segundo, Gil (2002, p. 17) a pesquisa é “o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”. Uma vez que, as pesquisas acadêmicas partem do pressuposto de que há lacunas a serem preenchidas. Diante disso, a pesquisa em questão é do tipo qualitativa, de cunho bibliográfico, devido se ancorar em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Em primeiro momento fizemos um levantamento, seleção e leituras de obras que tratavam da memória na literatura, como os estudos de Halbwachs, Ricoeur e outros estudiosos da memória e identidade narrativa. Para análise da obra optamos por dividir o estudo em duas partes, onde a princípio analisamos o aspecto geral da narrativa e suas nuances e, posteriormente, buscamos entender como a memória é fundamental para reconstruir o passado e suas implicações na formação da subjetividade do personagem, explorando os conceitos de memória no processo de construção da identidade narrativa.

Sendo assim, dividimos esta monografia em quatro capítulos. O primeiro capítulo consiste nesta seção introdutória, onde apresentamos o tema, os objetivos, a justificativa e os procedimentos metodológicos adotados para a realização da pesquisa. O segundo capítulo é dedicado às particularidades teóricas, com o objetivo de situar o leitor no contexto das discussões acadêmicas e teóricas que fundamentam o processo analítico. O terceiro capítulo foca na análise de fragmentos da obra *Leite Derramado*, com o intuito de responder aos objetivos delineados anteriormente. Ao longo dessa análise, destacamos os aspectos da memória e da identidade narrativa, fundamentais para a compreensão do texto. Por fim, o último capítulo é dedicado às

² Deus, L. P. S. e. (2017). As raízes do Brasil em Leite derramado, de Chico Buarque. *Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea*, (53), 387–409. <https://doi.org/10.1590/2316-40185318>

³ Calqui, Mayara de Andrade; Entre perdas e memórias: uma leitura dos romances *Leite Derramado* e *O Irmão Alemão*, de Chico Buarque.2021. Tese (Teoria Literária e Literatura Comparada) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2021.

considerações finais, nas quais apresentamos os principais resultados da pesquisa, refletindo sobre as contribuições da obra para os estudos de memória e identidade na literatura brasileira contemporânea.

CAPÍTULO II: MEMÓRIA E IDENTIDADE NARRATIVA - INTERSECÇÕES NA CONSTRUÇÃO DO NARRADO

Esta seção tem como foco a interseção entre literatura, memória e identidade narrativa, explorando seus conceitos, representações e relações, e como essas abordagens contribuem para a análise de obras contemporâneas. O primeiro momento da pesquisa dedica-se ao alicerce teórico que sustenta essa reflexão, iniciando com a conceituação de memória, abordada em seus aspectos individual e coletivo, com o intuito de entender como ela se configura como um componente essencial na construção da identidade. Em seguida, discute-se a relação entre literatura e identidade narrativa, com ênfase nas interconexões que emergem dessas áreas. O capítulo avança para uma breve discussão sobre a memória e a literatura, destacando sua relevância na preservação e evolução da tradição cultural. Por fim, é apresentado o desenvolvimento da subjetividade dos personagens Eulálio e Matilde, com foco em como suas trajetórias pessoais exemplificam os conceitos abordados ao longo do capítulo.

2.1 Memória: considerações conceituais

Analizar, descrever e conceituar a memória é um processo bastante complexo, já que esse fenômeno pode ser investigado e compreendido sob várias perspectivas e métodos, em diversas áreas do conhecimento que o abrangem. De forma inicial, a memória pode ser abordada, como a capacidade dos indivíduos de reter experiências e fatos do passado, recordá-los e retransmiti-los a outras gerações em razão de um conjunto de funções psíquicas (Oliveira, 2010). Assim, a memória é tudo que os indivíduos guardam ao relembrar do passado, é aquilo que fica gravado no seu subconsciente, e permite referir-se à lembrança que se tem de algo que já tenha ocorrido como a exposição de fatos, dados ou motivos que dizem respeito a um determinado grupo, é válido ressaltar que a memória também é movente e instável, então devemos considerar que ela também pode ser imaginativa, criativa, ilusionista. De maneira geral, entende-se a memória como o ato de conservação, evocação e formação de informações, e sensações do indivíduo.

Nesse viés, a memória pode ser entendida como um dos processos cognitivos mais importantes, pois, além de ser fundamental para a construção da nossa identidade pessoal, desempenha um papel crucial nas diversas funções formativas do indivíduo. Ela nos permite armazenar e resgatar experiências, tanto individuais quanto coletivas, criando um repositório de acontecimentos, imagens e sensações que são essenciais para a constituição da nossa identidade. Mais do que isso, ela carrega consigo a capacidade de refletir sobre contextos passados, reconstituir eventos e abrir espaço para novas interpretações e pontos de vista, funcionando como um referencial indispensável para a compreensão de nossa própria história. Assim, a memória não apenas preserva o que fomos, mas também possibilita a constante reinvenção do que somos e como nos vemos no mundo.

Diante disso, desde a Antiguidade, a memória estimula a curiosidade do ser humano, e histórias sobre ela são contadas desde que o homem aprendeu a reconhecê-la como sentido que lhe favorece a manutenção de lembranças e acontecimentos passados. Com o passar dos séculos, teorias passaram a ser desenvolvidas para que fosse possível explicar as suas peculiaridades. Le Goff entende a memória como a

Propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças as quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou o que ele representa como passadas (Le Goff, 1990, p. 423).

Assim, compreendemos a memória como um repositório de nossas experiências, que se atualiza constantemente por meio das novas interações que estabelecemos com o mundo ao nosso redor. Nela, o passado histórico e social é preservado e pode ser transmitido de diversas formas. A relação do indivíduo com a memória começa desde o seu nascimento, sendo essencial para a formação de sua identidade. Cada um de nós é quem somos porque possuímos lembranças únicas, que são exclusivas e inacessíveis a outros. São essas memórias que nos tornam seres singularmente distintos.

Dessa forma, ao analisar a memória sob a ótica das ciências sociais, é fundamental reconhecer que ela pode ser vista tanto de maneira individual quanto coletiva. A memória pode ter suas origens na história pessoal de cada indivíduo ou na trajetória de um país, povo ou civilização ao qual esse indivíduo pertence. Dessa maneira, ela não é apenas um reflexo das experiências individuais, mas também um

elo que conecta o ser humano a um contexto mais amplo, repleto de significados compartilhados e coletivos. Assim, deve-se, primeiramente, entendê-la como um fenômeno íntimo, pessoal e único de cada indivíduo, mas não exclusivamente individual. Pois ela também deve ser compreendida como um fenômeno coletivo, social e cultural, um processo que se constrói não só a partir do singular, mas também do coletivo. Ela é uma força dinâmica, sempre em transformação e sujeita a mudanças constantes. Embora pareça estável, ela se encontra em um estado de luta permanente, lidando com a inevitável metamorfose que ocorre ao longo do tempo. Cada recordação é moldada por novas experiências, emoções e contextos, o que a torna um campo de batalha entre o que foi vivido e o que é reinterpretado. Essa incessante evolução da memória revela sua complexidade, mostrando que, apesar de sua “fragilidade”, ela é essencial para a construção da identidade e da compreensão do mundo ao nosso redor.

Então, uma vez que a memória pode ser descrita e compreendida de muitas formas, a possibilidade de mudança em como entendê-la é constante, especialmente quando consideramos as diversas áreas do conhecimento. O filósofo e historiador Paul Ricouer (2012), considera a memória como a base fundamentadora da história, ou seja, é apenas através dela que conseguimos traçar uma ligação entre passado e presente. Ao utilizar o processo de rememoração o indivíduo usa das contribuições da história para se situar na sua própria história. Segundo Ricoeur, “[...] não temos outro recurso a respeito de referências ao passado, senão a própria memória” (Ricouer, 2012, p. 40). Diante disso, compreendemos que a construção de uma sociedade é uma representação realista da memória dos seus indivíduos, uma vez que são as lembranças e pensamentos dos grupos que fornecem dados para a perpetuação da história.

Assim, em seus estudos sobre a memória e seu processo de formação, Halbwachs (2006) discute a importância de distinguir entre memória individual e memória coletiva. Ele afirma que “[..] a memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, [...] este ponto de vista muda segundo o lugar que ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo o lugar que mantenho com os outros ambientes” (Halbwachs, 2006, p.69). Esse entendimento ressalta que a apreensão da memória está intrinsecamente ligada à posição do sujeito no mundo; os pontos de vista dos indivíduos sobre uma mesma situação variam conforme diversos fatores contextuais.

Os membros dos grupos aos quais pertencemos deixam suas marcas em nós através das experiências compartilhadas.

Segundo Halbwachs (2006, p. 29), "a nossa impressão pode se basear não apenas na nossa lembrança, mas também na de outros". Assim, o ato de recordar está ligado a diversas referências de diferentes grupos. Para acessarmos nosso próprio passado, necessitamos das memórias dos outros, uma vez que não estamos sozinhos nesse processo de recordação. Diante da perspectiva de que o indivíduo nunca está sozinho, mesmo os acontecimentos vividos solitariamente são percebidos enquanto lembranças que permanecem coletivas, ou seja, para o autor, a memória individual é construída a partir da memória coletiva.

Destarte, a memória, em seus dois aspectos, tanto individual quanto coletiva, é constituída por diversos elementos. O primeiro deles refere-se aos acontecimentos que foram presenciados pessoalmente e realmente vivenciados. O segundo abrange os eventos que ocorrem no contexto do grupo ou da coletividade à qual o indivíduo se sente pertencente, sendo denominado por Pollak (1992, p.201) como acontecimentos "vividos por tabela". Este último tipo de vivência pode ter um impacto tão significativo quanto o primeiro, uma vez que "são acontecimentos dos quais a pessoa nem participou, mas que, no imaginário, tomaram grande relevo, tornando quase impossível para ela saber se realmente participou ou não" (Pollak, 1992, p. 201). Assim, podem ocorrer eventos na região, na sociedade ou no país que marquem profundamente o indivíduo, mesmo que ele não tenha estado diretamente envolvido. Essa memória coletiva pode ser transmitida através das gerações, perpetuando as experiências e as narrativas que definem um grupo. O fenômeno de projeção e identificação com um passado específico é tão intenso que podemos falar em uma memória quase herdada, onde as vivências e as histórias coletivas são assimiladas e internalizadas, moldando a identidade e a percepção de cada indivíduo em relação ao seu contexto social e histórico. Dessa forma, a memória se torna um elo entre o passado e o presente, influenciando não apenas o indivíduo, mas toda a coletividade.

Seguindo essa linha de pensamento podemos compreender que a memória individual e a coletiva se complementam e contribuem principalmente para a formação da identidade de indivíduos ou grupos. Como assegura Le Goff (1990, p. 477) quando diz que "a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje". Ainda levando em consideração os conceitos de Le Goff

(1990), “a memória, a qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro” (Le Goff, 1990, p. 437). Aqui, a memória recebe lugar de destaque na construção histórica da sociedade, pois o conhecimento do passado se assenta nas memórias e por meio das lembranças que ainda permanecem e vivem na consciência dos grupos sociais e se ordena e organiza para dar ao tempo presente o que foi salvo do passado.

Sendo assim, pode-se dizer que a memória em seus dois aspectos está intrinsecamente ligada ao sentimento de identidade do indivíduo. De maneira mais profunda, esses aspectos se tornam referenciais importantes ao se considerar a identidade como uma construção social. Uma vez que as experiências e memórias compartilhadas com os outros moldam não apenas quem somos, mas também como nos relacionamos com o mundo ao nosso redor. Assim, a memória atua como um fio condutor que une o passado ao presente, contribuindo para a construção de um eu que é simultaneamente individual e coletivo.

2.2 Literatura e identidade narrativa

A literatura demarca em seu aspecto mais global uma relação de proximidade em um grau de relevância do ser individual e coletivo “o si” e “o outro”. Nesse contexto, abordando a questão voltada para “o esquema conceitual ação e a questão quem?”, Paul Ricoeur (1991, p.75) discute que essa abordagem sugere que a narrativa não é uma construção isolada, mas sim um entrelaçamento de significados que emerge das interações entre os personagens e suas experiências. Os eventos narrados não ocorrem em um vácuo de individualidade, mas são profundamente enraizados na historicidade, refletindo as relações sociais e culturais que permeiam as vidas dos personagens. Cada ação, decisão e experiência está imersa em um contexto mais amplo, onde o passado e as interações sociais influenciam a construção da identidade e da narrativa. Assim, a literatura se torna um espaço onde se explora a complexidade das relações humanas, revelando como o coletivo e o individual se entrelaçam para criar uma tapeçaria rica e multifacetada de significados e experiências compartilhadas.

Diante disso, seguindo essa perspectiva, é possível estabelecer uma conexão entre o conceito em questão e um ideal identitário, considerando a ressignificação que emerge intrinsecamente nos sujeitos. O “si” presente nesse conjunto de ações já indica uma noção identitária que permeia o que é expresso. A partir da compreensão

da identidade de um sujeito, podemos entender como essa construção se desenvolveu ao longo da narrativa e de que forma o “outro” se entrelaça nessa constituição identitária. Essa relação evidencia a complexidade da identidade, que não é apenas uma construção individual, mas também um reflexo das interações e das influências que o contexto social e cultural exerce sobre cada sujeito.

Nesse viés, devemos levar em consideração o que Paul Ricoeur (1991, p. 432) discute em seu estudo em *O si-mesmo como o outro*, segundo ele:

A identidade não poderia ter outra forma do que a narrativa, pois definir-se é, em última análise, narrar. Uma coletividade ou indivíduo se definiria, portanto, através de histórias que ela narra a si mesma sobre si mesma, e destas narrativas, poder-se-ia extrair a própria essência da definição implícita na qual esta coletividade se encontra.

Sendo assim, o indivíduo, ao ser concebido como personagem de uma narrativa, não contempla na separação de suas próprias experiências no mundo, pois o processo de construção da subjetividade se dá a partir do momento em que a sua identidade interage com a história relatada, que também faz parte da identidade. Logo, ao tratarmos sobre narrativas, devemos nos atentar para a relação intrínseca entre o narrado e os personagens. De acordo com Ricoeur (1991), os fatos apreendidos se ampliam a um teor de complexidade e se associam em uma estrutura que se une a tais componentes estruturais da trama que, junto à historicidade do personagem, se afirma e condensa a identidade do mesmo durante todo o enredo.

Sob essa perspectiva, ao analisarmos as diversas narrativas, percebemos que os personagens constroem suas identidades a partir do enredo global da história. Nesse sentido, a neutralização do personagem em relação aos eventos narrados contribui para que toda a estrutura que sustenta a narrativa seja enfraquecida e distorça a relação entre o personagem e o conflito. Para Ricoeur (1991), o personagem que perde seu ideal identitário perde também a base estrutural da narrativa, afetando diretamente o foco que envolve tanto a trama quanto o próprio personagem. Assim, é possível observar que existe uma relação direta entre as ações do personagem e a compreensão das diversas camadas e cadeias que compõem a construção de seu ideal identitário ao longo da narrativa. Nesse contexto, destaca-se que a configuração do personagem é essencial para evidenciar a ideia que atravessa

sua trajetória íntima, sua conexão com o enredo e o conflito. Caso sua identidade seja modificada, a própria estrutura da narrativa também sofrerá impactos significativos.

A noção de identidade narrativa surgiu ao final do terceiro volume da obra *Tempo e narrativa* (1991), de Paul Ricoeur, e deu continuidade em *O si-mesmo como um outro*. O autor apresenta a hipótese de “considerar a narrativa como o guardião do tempo, na medida em que só haveria tempo pensado quando narrado” (Ricoeur, 1991, p. 417). Isso implica que o tempo, como conceito, não é apenas uma sequência de momentos ou eventos, mas sim algo que ganha significado e estrutura através da narrativa.

Ainda sobre os conceitos de Ricoeur (1991, p. 171), as narrativas se situam em um contexto onde a complexidade da historicidade e dos eventos narrados não se apresenta de maneira linear. A construção da narrativa é composta por fragmentos que se interconectam, resultando em uma teia de significados. Dessa forma, a narrativa não se limita a um sentido final; ao contrário, os fatos são validados por uma sequência que integra o eu e o outro, refletindo uma rede de relações que compõe a totalidade da experiência narrativa.

Diante disso, quando buscamos o conceito de identidade narrativa, nos deparamos, com dois termos na língua latina: *idem* e *ipse*. Pois a identidade narrativa na teoria ricoeuriana é responsável pela construção da identidade pessoal, já que pelo ato de narrar o sujeito conta suas histórias de vida, suas experiências e suas expectativas. Para Ricoeur, a identidade pessoal se baseia em dois princípios: mesmidade ou identidade-*idem* e, ipseidade ou identidade-*ipse*. Enquanto a primeira refere-se à continuidade objetiva e comparativa, onde a identidade é entendida como a permanência de características que permitem reconhecer um indivíduo ao longo do tempo. A segunda relaciona-se à noção de ipseidade, que está associada à subjetividade e à narrativa pessoal.

A identidade *ipse* enfatiza a experiência e a continuidade da pessoa ao longo do tempo, incluindo suas memórias, histórias e transformações, em outras palavras a ipseidade caracteriza o indivíduo como ser único e individual. Pois é através dela que se estabelece a continuidade do caráter e a fidelidade à palavra ao longo do tempo. Já a mesmidade, por sua vez, é a que atribui nomes próprios, evidenciando a personalidade, a unicidade, a similitude e a continuidade ininterrupta de uma pessoa. Assim, a permanência do *idem* se concretiza, reforçando a ideia de que, mesmo com

mudanças e evoluções, certos aspectos essenciais de uma pessoa permanecem estáveis e reconhecíveis.

A identidade narrativa, segundo Ricoeur, emerge na interseção entre a mesmidade e a continuidade do si. Ele a define como uma hermenêutica do si, fundamentada na dialética entre o *idem* (a permanência) e o *ipse* (a identidade pessoal que se transforma ao longo do tempo). Nesse contexto, é importante destacar que, em sua obra *O si-mesmo como um outro*, Ricoeur não apenas retoma a questão da identidade narrativa, mas também desenvolve uma proposta de hermenêutica do si ancorada em uma teoria narrativa. Segundo essa teoria, o vivido adquire sentido humano quando é narrado, tornando-se uma experiência significativa ao ser mediada pela narração, o que revela a profundidade do estudo sobre o sujeito da narração.

O personagem Eulálio Montenegro d'Assumpção, de *Leite Derramado* (2009), de Chico Buarque, encarna essa proposta de Ricoeur ao assumir simultaneamente o papel de narrador e de personagem em sua própria história. Ele exemplifica a possibilidade de o sujeito ser tanto leitor quanto escritor de sua própria vida, conforme Ricoeur sugere, ao integrar, na narrativa, sua identidade de modo dinâmico. A identidade narrativa, ao contrário de uma identidade abstrata e fixa do “mesmo”, permite que a ipseidade, inclua a mudança como parte da continuidade de uma vida. Essa mudança é, por sua vez, tanto manifestada quanto conformada na e pela narração, pois é através dela que o sujeito organiza e dá coesão às diversas fases de sua existência (Ricoeur, 1997).

Outro ponto relevante abordado por Ricoeur é o papel do leitor como uma “parte constitutiva” do processo narrativo. De acordo com o autor (1991), o leitor se projeta como personagem e narrador, ainda que não possa ser considerado um autor da ficção. Embora o leitor não participe diretamente da terceira camada do processo narrativo a do autor, ele desempenha um papel essencial ao se engajar com o que está implícito nas entrelínhas da narrativa. Nesse sentido, o leitor não é apenas um receptor passivo da história, mas um intérprete ativo, capaz de reinterpretar o texto e assumir também o papel de investigador das ideias subjacentes. Essa atividade interpretativa amplia a compreensão do texto, permitindo que o leitor se aproprie de seu conteúdo de maneira única, contribuindo assim para a construção do sentido narrativo.

Posto isso, os estudos sobre identidade ganham relevância crescente na contemporaneidade, pois a constituição do “si” não ocorre de forma isolada, mas em

relação ao “outro”, que reflete e molda as questões existenciais do indivíduo. A identidade, portanto, é um processo dinâmico, influenciado por interações sociais e culturais. O que é narrado sob a perspectiva de um sujeito molda suas próprias experiências e, por consequência, sua identidade. Como aponta Ricoeur (1991, p. 139), “em muitas narrativas é pela escala de uma vida inteira que o si procura sua identidade”. Assim, o personagem que perde sua identidade perde também a estrutura de sua narrativa. As faces presentes nas narrativas não são elementos passivos, mas interagem, se confrontam e se assimilam, refletindo a multiplicidade de experiências humanas.

2.3 Memória, literatura e tradição cultural

A memória, a literatura e a tradição cultural estão profundamente interligadas. A literatura é uma poderosa ferramenta para preservar e transmitir a tradição cultural de uma sociedade. Por meio de histórias, os escritores podem capturar e compartilhar aspectos importantes da cultura de um povo, incluindo suas crenças, valores, tradições, memórias coletivas, além de denúncias sociais. Diante disso, podemos considerar que essa tríade não pode ser estudada de maneira separada, pois juntas atuam como papel fundamental para construção de uma sociedade.

De maneira geral, o trabalho com a memória abrange tanto os aspectos biológicos quanto os psicológicos que envolvem o armazenamento e a recuperação de experiências, sejam elas coletivas ou individuais. Conforme nos diz Le Goff (1988, p. 224), “os fenômenos da memória, tanto nos seus aspectos biológicos como nos psicológicos, mais não são do que os resultados de sistemas dinâmicos de organização e apenas existem na medida em que a organização os mantém ou os reconstitui”. Isso implica que a memória não deve ser compreendida apenas como fragmentos temporais de ações ou lembranças, mas como um processo contínuo e dinâmico de reconstituição. Nesse sentido, ela vai além do simples armazenamento de informações, desempenhando a função de manter e atualizar o que é inerente às práticas vividas, envolvendo uma constante reorganização do que é lembrado e ressignificado.

Dessa forma, a memória se configura como um mecanismo essencial para a literatura, pois pode atuar nas narrativas, funcionando como um elemento de

reconstrução do que foi vivido e que pode ser explorado e exposto tanto de forma escrita quanto oral. Ela se estabelece como um instrumento que se insere na realidade das obras, influenciando a percepção das relações culturais e ideológicas dentro de um contexto específico. Em *Leite Derramado* (2009), de Chico Buarque, é possível perceber uma conexão entre a memória e a tentativa do personagem de preservar as tradições culturais. Através dessa relação, são subentendidas e reveladas as dinâmicas sociais que permeiam a narrativa, ao mesmo tempo em que emergem as inquietações do personagem. A memória, nesse caso, não apenas resgata o passado, mas também expõe as tensões e os dilemas que moldam as experiências e os conflitos do protagonista.

Então, a memória, enquanto processo de resgate e reconstituição do passado, é um elemento essencial que alimenta a literatura, fornecendo-lhe os materiais para a construção de narrativas que não só refletem, mas também reinterpretam o vivido. A literatura, por sua vez, atua como um veículo privilegiado de transmissão e transformação das tradições culturais, pois, ao escrever sobre o passado, reconfigura o presente e projeta significados para o futuro. Nesse contexto, a tradição cultural, com suas práticas e saberes coletivos, é constantemente revivida e reatualizada através das produções literárias, que funcionam como um espaço de resistência e de renovação das memórias sociais. Assim, essa tríade se entrelaça, criando um ciclo contínuo em que a memória preserva a tradição cultural, e a literatura, por meio de suas representações, garante a perpetuação dessas tradições ao longo do tempo uma vez que as obras literárias estão em constante diálogo com a sociedade.

Segundo Antônio Cândido (2000), a literatura é um produto social que exprime condições de cada civilização em que ocorre. Sendo assim, a sociedade não é apenas uma mera influência para a ficção, mas também se torna um elemento essencial na formação e composição da arte ficcional, mesmo que de maneira subjacente, transmutada pelos artifícios criativos. Isso implica que a arte, enquanto componente do mundo social, nos oferece uma visão profunda das relações sociais e do desenvolvimento histórico de nossa sociedade, possibilitando-nos compreender de maneira sensível e reflexiva o contexto em que estamos inseridos.

As configurações estéticas e artísticas na produção de uma obra literária são elementos que se constroem de maneira processual e dinâmica, refletindo as complexas interações entre forma e conteúdo. Cândido (2000) destaca que esse processo construtivo é fortemente fundamentado nas esferas social e ideológica,

inserindo-se em uma conjuntura que ultrapassa a mera estrutura formal do texto. Para ele, a literatura não se limita a uma simples organização de formas, mas incorpora e transmite ideologias, sendo estas partes fundamentais de sua composição. Ao mesmo tempo, a forma como essas ideologias são discutidas e apresentadas na obra é igualmente essencial, já que a obra literária se configura como um espaço onde o social e o ideológico se entrelaçam, refletindo e, muitas vezes, questionando a realidade cultural e política da sociedade em que é produzida. Dessa forma, a literatura se torna um meio pelo qual se pode compreender a complexidade das relações humanas e sociais, com suas tensões, contradições e possibilidades de transformação.

Assim, a presença da sociedade no texto ficcional não garante nem exige sua aceitação, pois o uso do social na literatura se configura como um ato de representação e criticidade. Essa representação pode assumir diferentes formas, que vão desde o texto documental até a ironia, sem a necessidade de se fixar em um único ponto de vista ou lado. A literatura, ao tratar das questões sociais, não se limita a uma simples reprodução da realidade, mas pode questioná-la, criticá-la ou até mesmo subverter suas normas, permitindo uma abordagem multifacetada e aberta ao diálogo. Nesse sentido, o texto ficcional se torna um espaço dinâmico, onde a sociedade é abordada de maneiras variadas, sem que haja uma exigência de concordância com qualquer uma das interpretações apresentadas.

Com base nessas considerações, observa-se que a obra *Leite Derramado* (2009) trata das questões sociais com um certo teor de ironia e criticidade, onde o protagonista é um idoso de cem anos que retrata as mudanças culturais que ocorreram na sociedade carioca. Através das memórias do narrador, somos imersos em um universo onde as relações sociais e a herança cultural se entrelaçam, mostrando as tensões e conflitos gerados por essas estruturas. Paralelamente, o romance expõe as inquietações do sujeito, refletindo a degradação do ser em um contexto marcado pela decadência e pelo desmoronamento de valores, onde a memória se torna um campo de disputas, ressignificações e questionamentos sobre o papel do indivíduo e da coletividade. Assim, a obra de Buarque, ao explorar essas dimensões, revela as complexidades da história e da identidade de uma sociedade em crise, em que a memória e a tradição cultural se entrelaçam com as angústias e as transformações dos sujeitos.

Nesse sentido, como já reiterado, a memória não é um simples repositório de informações, mas um campo dinâmico e processual, que a literatura explora para criar narrativas que vão além do tempo e do espaço, permitindo ao leitor refletir sobre o que é lembrado e o que é esquecido, sobre as escolhas de interpretação e os sentidos que atribuímos ao passado. Assim, a intersecção entre memória, literatura e cultura constrói um espaço fértil de questionamento e compreensão, onde o presente e o passado se encontram, e onde a literatura se torna uma ferramenta vital para o entendimento das subjetividades e das culturas.

2.4 Subjetividades dos personagens

As narrativas, em suas diversas formas, buscam sempre destacar a complexidade dos personagens, conferindo-lhes características únicas, psicológicas e histórias individuais que os tornam distintos dentro do enredo. Sendo assim, a identidade narrativa é constituída a partir da própria narrativa, quando o personagem compartilha suas experiências, expectativas e histórias de vida, revelando seu padrão de reconhecimento. Podemos dizer, que a identidade narrativa se manifesta como um relato, um discurso auto referenciado em que se projeta como uma totalidade significante. Segundo Ricoeur (1991, p.139) “é suficiente, no momento, dizer que em muitas narrativas é pela escala de uma vida inteira que o si procura sua identidade [...]”. Isso se justifica pelo fato de que a identidade narrativa não seja algo fixo, estando sujeita a constantes modificações, já que o sujeito possui a capacidade de construir e reconfigurar sua própria história ao longo do tempo.

Diante disso, podemos destacar os estudos hermenêuticos voltados para as diversas formas narrativas desenvolvidas por Paul Ricoeur. Um dos pontos-chave dessa relação é constituído pelos elementos de formação identitária: mesmidade e ipseidade. Quanto mais ricas e dinâmicas forem as ações, percepções e vivências promovidas pelas personagens, assim como pelas pessoas, mais intensas se tornam as atuações da mesmidade e da ipseidade. Estes conceitos, centrais na filosofia de Ricoeur, ajudam a compreender como a identidade se constrói e se transforma ao longo do tempo, tanto nas narrativas literárias quanto nas experiências de vida dos indivíduos. Uma vez que a narrativa não apenas preserva a continuidade, mas também permite que o “eu” se reinvente e se refaça, criando uma identidade que é, ao mesmo tempo, estável e aberta à transformação.

Assim, guiados por essa teoria, afirmamos que, em *Leite Derramado* (2009), a memória tem participação essencial na construção do enredo. Ela atua fortemente sobre a vida do personagem, operando de maneira efetiva em suas subjetividades e na construção da sua identidade narrativa, “são tantas as minhas lembranças, e lembranças de lembranças, que já não sei em qual camada da memória eu estava agora” (Buarque, 2009, p.141). Na narrativa, percebemos que a subjetividade do personagem é construída através de seu relato fragmentado, repleto de digressões e reflexões, mas também de falhas cognitivas e inconsistências. Pois ao mesmo tempo em que ele afirma um acontecimento, logo em seguida ele o nega, causando uma incerteza dos fatos acontecidos. “[...] nunca lhe contei esse episódio? Então não o leve em conta, nem tudo o que o digo se escreve, você sabe que sou dado a devaneios” (Buarque, 2009, p.136). Durante a narrativa, observamos que o personagem tenta reconstruir sua trajetória e, ao mesmo tempo, se vê preso a uma percepção distorcida de seu passado e de suas relações familiares. Compreendemos, que a angústia do personagem não se resume, apenas, às suas experiências sociais, pois ele lida com a desordem interna da sua decadência identitária e do sentimento de não pertencimento ao meio em que estar inserido. Por isso, suas memórias, muitas vezes são atravessadas pela vergonha, pelo ressentimento e pela nostalgia de um tempo que ele idealiza.

Resisti um bocado a ideia de morar em edifício de apartamentos, me parecia promíscuo. Mas afinal me rendi às suas comodidades, e não hesitem em me procurar dias desses, vou lhes deixar o meu cartão. O edifício tem lá sua classe, com hall de entrada metido a art déco, os vizinhos são discretos, os porteiros limpinhos. Trata-se enfim de um ambiente seleto, e era natural que me causasse espécie entrar comigo no elevador um grandalhão com cara de nortista, nariz chato, pele grossa. Indiquei-lhe o elevador de serviço, mas ele me deu as costas e apertou o botão do meu oitavo andar. (Buarque, 2009, p.141)

Nesse trecho, presenciamos a mudança na identidade do personagem Eulálio M. d'Assumpção. Ele que pertencera a uma antiga família tradicional e abastada, pôde usufruir de todos os privilégios de sua classe social, agora encontra-se em decadência financeira e identitária, por conta da morte de seu pai, das mudanças políticas e sociais no país, da trapaça de seu genro vigarista, e da sua própria incapacidade de gerenciar seus negócios. O personagem se vê como um homem que perdeu o controle sobre sua vida, sua história e seu legado e, assim, seu olhar sobre o presente é

marcado por uma constante sensação de decadência, tanto pessoal quanto social. Como no episódio em que ele se incomoda com o fato de ser tratado em regime de igualdade com os demais pacientes do hospital, que representam classes sociais mais baixas, e que nos seus tempos áureos não teriam nenhum contato com sua classe familiar, mas, diante da situação em que se encontra no presente, ele acaba se igualando aos demais pacientes.

Segundo Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil* (2014, p. 96), “o quadro familiar torna-se, assim, tão poderoso e exigente, que sua sombra persegue os indivíduos mesmo fora do recinto doméstico. A entidade privada precede sempre, neles, a entidade pública”. Esse aspecto é claramente visível na obra, especialmente quando o personagem valoriza a importância de seu nome, sempre acompanhado pelo sobrenome e pela tradição familiar. Uma vez, que Eulálio recorre ao poder simbólico de seu nome sempre que considera pertinente, utilizando-o para garantir sucesso em seus objetivos, como ele mesmo afirma: “meu nome abre portas”. Além disso, Eulálio herda tudo do pai: “da noite para o dia herdara gravatas, charutos, negócios, bens imóveis e uma possível carreira na política” (Buarque, 2009, p. 32-33). Nesse contexto, podemos afirmar que Eulálio reflete e projeta, em seu íntimo subjetivo, a herança do patriarcado rural que se consolidou na sociedade brasileira desde os seus primórdios. O personagem, ao carregar essa herança, não é apenas um herdeiro material, mas também cultural e simbólico, refletindo as estruturas de poder e status que dominaram por séculos as relações familiares e sociais.

Diante disso, durante a narrativa, observamos como o personagem Eulálio se sente deslocado diante das complicações originadas por seu declínio social. Um exemplo evidente disso ocorre em um de seus momentos de lucidez, quando ele reconhece que o nome de sua família, antes símbolo de prestígio, já não exerce mais qualquer tipo de influência na sociedade. Em sua nova condição de idoso internado em um hospital público, ele é tratado com total indiferença. Em suas palavras: “em instituições tradicionais meu nome abre portas, ao contrário do que ocorre nesta espelunca, onde nos extorquem dinheiro sem investigar sua origem” (Buarque, 2009, p. 120). Esse sentimento de marginalização reflete diretamente na configuração identitária do personagem. O romance ilustra os efeitos da ipseidade, perda da identidade social e pessoal em Eulálio, que, ao perceber sua nova condição, sente uma profunda angústia. O nome, que antes representava um símbolo de status e

reconhecimento, já não é suficiente para garantir privilégios sociais. No contexto atual, ele é apenas um homem velho e anônimo, isolado em um hospital que negligencia sua origem.

Esse conflito interno revela a luta de Eulálio para reconquistar uma posição que, na sociedade moderna, já não existe mais para ele. Sua identidade, antes sustentada pelo status e pela história familiar, entra em colapso à medida que o nome perde seu poder e ele se vê reduzido a um simples número em um hospital público. A obra nos leva a refletir sobre como a identidade de uma pessoa pode ser fragilizada quando os alicerces que a sustentam como o nome, a história e o status social começam a se dissolver.

No livro *A Dança das Letras* (1991, p.352), Franklin Oliveira afirma que “no romance, o nosso confronto é com as personagens e o mundo, que são uma sucessão de círculos concêntricos”. Diante disso, reforçamos a ideia de que a subjetividade do personagem não é construída de forma isolada, ela é dada através de um complexo jogo de interação e reflexão com o meio em que está inserido. Além disso, percebe-se que as personagens são as responsáveis pela dinâmica das narrativas. Esse fato evidencia o quanto desafiador é o processo de elaboração de uma personagem, bem como a enorme riqueza que ela representa quando observada em suas múltiplas subjetividades. A complexidade de seus sentimentos, motivações e conflitos internos é o que confere profundidade à trama, tornando-a mais envolvente e instigante para o público. Assim, ao explorar as nuances das personagens, o autor não só constrói a história, mas também cria um universo de possibilidades interpretativas.

Destarte, segundo Bakhtin (2013, p. 56), para Dostoiévski, o personagem não é interessante sob o aspecto composicional no que diz respeito a representações do comum, como uma tentativa de elucidar uma objetividade comportamental e acabada. Pelo contrário, ele se torna significativo a partir das camadas que envolvem sua perspectiva íntima, que se entrelaça com o conhecimento do exterior, como algo indissociável da sua realidade e das facetas da humanidade. Essa abordagem permite entender o personagem não apenas como uma figura externa, mas como alguém imerso em um jogo complexo de subjetividades.

Essa perspectiva se reflete claramente na obra *Leite Derramado* (2009), onde o narrador se projeta em seus conflitos e sentimentos mais íntimos, revelados por meio

de suas relações com a realidade circundante. A realidade do personagem está intrinsecamente ligada ao ambiente em que o enredo se desenrola, desde o início da narrativa. Nas primeiras páginas da obra, o narrador enfatiza os lugares que marcaram sua vida, deixando transparecer uma forte ligação emocional com esses espaços. Esse vínculo íntimo com os lugares não é apenas uma referência espacial, mas uma projeção da subjetividade do personagem, que vê o ambiente não como algo externo, mas como parte de sua própria existência e percepção do mundo.

Nesse viés, a subjetividade do personagem passa a dialogar diretamente com o meio no qual está inserido, e, a partir dessa interação, é possível analisar como o ambiente influencia e molda o processo de autoconsciência desses indivíduos. Esse processo destaca a importância de certos elementos dentro do contexto das particularidades de cada personagem, evidenciando como eles ressignificam suas perspectivas à medida que enfrentam e vivenciam suas experiências.

Diante disso, ao longo da narrativa, observamos que a personagem Matilde carrega as marcas de segregação de classe, especialmente por parte de Eulálio. Suas atitudes são frequentemente vistas como excêntricas, tanto pelo narrador quanto pelas pessoas da classe social à qual Eulálio pertence. Matilde tem uma origem humilde e mantém isso durante toda a história, mesmo diante das tentativas de Eulálio de enquadrá-la nos padrões da nobreza de sua família. Um exemplo disso ocorre quando eles saem para dançar, e Eulálio tenta interferir nas vestimentas da esposa, sugerindo o que seria mais apropriado para a ocasião: “até lhe sugeri um cíngulo de gola alta, quando saímos para dançar, porque a noite estava fresca. Mas ela teimou com o vestido de alças, cor de laranja” (Buarque, 2009, p. 64). Outro momento que ilustra essa diferença de classe ocorre quando Eulálio expressa sua raiva pelo fato de sua esposa gostar de frequentar a cozinha e conversar com as empregadas, comportamento que, na época, não era compatível com a postura esperada de uma mulher pertencente a uma camada social elevada. Esses episódios revelam o choque entre as origens de Matilde e as convenções sociais que Eulálio tenta impor, refletindo as tensões de classe presentes no relacionamento deles.

Ao observarmos de relance as ações da personagem Matilde, sob a ótica do narrador, somos levados a acreditar em sua insignificância, pois, à primeira vista, Matilde parece ser apenas uma das muitas mulheres que vivem sob o mando e desmando de uma sociedade patriarcal. No entanto, ao adentramos sua

subjetividade, percebemos que ela carrega a luta de uma mulher negra pela autonomia em um contexto social e familiar profundamente opressor. Eulálio, embora não admita seu preconceito, revela em suas atitudes e descrições sutis a visão distorcida que tem de sua esposa. Quando se refere à cor de sua pele, nunca utiliza o termo “negra”, preferindo o eufemismo de “pele castanha”: “Matilde tinha a pele castanha, mas nunca foi mulata. Teria quando muito uma ascendência mourisca, por via de seus ancestrais ibéricos, talvez algum longínquo sangue indígena” (Buarque, 2009, p. 149). Essa tentativa de desviar-se da palavra “negra” reflete uma forma de negação e dissimulação racial que permeia o relacionamento deles, demonstrando o quanto a questão da identidade racial é distorcida ou invisibilizada no contexto de Eulálio.

Ao longo da narrativa, a questão racial se espalha sutilmente pela obra, e o comportamento preconceituoso de Eulálio se revela em diversos momentos. Um exemplo disso ocorre no nascimento de seu bisneto, que nasceu negro, algo que Eulálio se recusa a aceitar. Ele descreve o menino da seguinte forma: “da noite para o dia os cabelos dele se encresparam, o nariz de batata engrossou mais ainda, e quanto mais o menino escurecia, mais me perturbava a sensação de conhecer sua cara de algum lugar” (Buarque, 2009, p. 148-149). Esse trecho evidencia o desconforto de Eulálio em confrontar sua própria visão racial, negando ao seu neto uma identidade negra.

Dessa forma, a perspectiva de Eulálio em relação a Matilde, reavivada pelas suas lembranças e afetos, permite vislumbrar um conflito entre sua memória social e sua memória individual. Apesar do afeto que sente por sua esposa, seu comportamento em relação a ela é contrastado com sua atitude em relação a outros personagens negros da narrativa. Isso revela as contradições e tensões dentro do próprio narrador, que se vê dividido entre os afetos pessoais e o preconceito racial internalizado. Assim, a obra explora as complexidades das relações raciais e sociais, mostrando como os personagens, em suas subjetividades e atitudes, estão imersos em um sistema de valores contraditórios e opressores.

Assim, percebemos que os personagens em uma narrativa não são apenas agentes da trama, mas funcionam como veículos pelos quais os significados da história são revelados e reinterpretados por meio de suas subjetividades. Dessa forma, tudo se projeta sob o olhar do personagem, através de suas percepções e das revelações que fazem parte de sua consciência. As subjetividades emergem como um

olhar crítico sobre suas próprias ações e, em determinado momento, conduzem a pontos de reflexão sobre a realidade que os cerca, proporcionando uma análise mais profunda das circunstâncias e das dinâmicas presentes no enredo.

CAPÍTULO III: ECOS DO PASSADO - IDENTIDADE E MEMÓRIA EM FLUXO

Neste capítulo, conforme os objetivos estabelecidos, propomos uma análise da obra *Leite Derramado* (2009), de Chico Buarque, a partir dos aspectos da identidade narrativa e da memória. A reflexão sobre essas duas categorias essenciais para a compreensão do romance será abordada considerando o entrelaçamento entre memória e narratividade, conforme discutido em partes anteriores deste trabalho. Para tanto, a análise será estruturada em três momentos principais: primeiramente, exploraremos as representações da memória na obra; em seguida, discutiremos como a identidade da narrativa se configura e, por fim, focaremos nos lugares que desempenham um papel relevante na construção da identidade do protagonista.

3.1 As representações da memória em *Leite Derramado*

Em *Leite Derramado* (2009), a memória se apresenta como o principal elemento que dá forma à narrativa, sendo essencial para a construção do relato do narrador, Eulálio Assumpção. O autor, Chico Buarque, organiza o romance de maneira não linear, utilizando um jogo de vai-e-vem entre o presente e o passado, rompendo com a lógica cronológica. O narrador, um centenário carioca de família aristocrática decadente, rememora os acontecimentos de sua vida enquanto está à beira da morte, no leito de um hospital. Esse relato entrecortado, que se alterna entre flashes de lembranças e observações, reflete a fragmentação da memória e o processo de reflexão de um homem que se encontra em sua última fase de vida.

Sendo assim, logo nas primeiras páginas, é possível perceber o desejo urgente e incessante do narrador de falar, de compartilhar suas experiências, como se a fala fosse a única forma de resistência ao esquecimento. Mesmo sem interlocutores reais, ele cria diálogos, confunde os tempos e as vozes, falando até para as paredes. Essa necessidade de se expressar está clara em sua declaração: “sem você me enterrariam como indigente, meu passado se apagaria, ninguém registraria a minha saga” (Buarque, 2009, p. 119). Essa frase revela que, para Eulálio, a verdadeira morte não é física, mas o esquecimento, a perda da memória e da sua história pessoal.

Nesse sentido, no decorrer da obra, percebemos que a narrativa não se

configura como uma narrativa de teor histórica. Mas apresenta uma série de questões que, embora ficcionais, adquirem uma aura de verdade à medida que o leitor reconhece nelas elementos da realidade. Isso se alinha com o conceito de verossimilhança exposto por Aristóteles em sua Poética, onde ele defende que a ficção deve ser construída com base em uma lógica interna que, mesmo afastada da realidade concreta, mantém uma coerência plausível dentro dos limites da obra. A verossimilhança, para Aristóteles, não se refere a uma mera imitação da realidade, mas à criação de uma narrativa que respeite as regras próprias de seu mundo ficcional, tornando-a credível e conectada com a realidade em um nível simbólico ou interpretativo. As memórias de Eulálio Assumpção, não apenas constroem a história de sua família, mas também resgatam aspectos significativos da história social do Brasil. A citação: “não sei se alguma vez lhe contei que meu bisavô foi feito barão por dom Pedro I, pagava altos tributos à Coroa pelo comércio de mão-de-obra de Moçambique” (Buarque, 2009, p. 78-79) traz à tona a questão da escravidão, um dos pilares da formação social e econômica do Brasil. Ao abordar o comércio de escravos no século XIX, o autor estabelece uma relação direta entre a história pessoal da família dos Assumpção e os grandes acontecimentos da história brasileira, criando uma ponte entre o indivíduo e a coletividade.

Através dessa estratégia, *Leite Derramado* (2009) utiliza a verossimilhança para inserir o personagem e sua família em um contexto maior, no qual as questões sociais e históricas, como a escravidão, são parte integrante da construção da identidade nacional. A narrativa memorialística de Eulálio, portanto, não se limita ao relato pessoal, mas se transforma em um elemento que busca estruturar, de maneira progressiva, a identidade do Brasil, considerando as camadas históricas e sociais que o configuraram. A ficção, ao se entrelaçar com a história e a realidade social, oferece uma visão simbólica, mas verossímil, da construção do país e dos traços que moldaram sua sociedade.

Nesse sentido é válido ressaltar que na obra *Tempo e Narrativa* Paul Ricoeur nos apresenta a narrativa afirmado que:

O desafio último tanto da identidade estrutural da função narrativa é o caráter temporal da existência humana. O mundo exibido por qualquer obra narrativa é sempre um mundo temporal. (...) O tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo; em

compensação a narrativa é significativa na medida em que esboça traços da experiência temporal. (1994, p. 15).

Diante isso, seguindo a afirmativa de Ricoeur, as narrativas literárias podem ser compreendidas como instrumentos na formação do sujeito, funcionando como um espaço para a reflexão e questionamento sobre si mesmo e, ao mesmo tempo, sobre o outro. Assim, a narrativa se torna um meio pelo qual podemos explorar e expressar a passagem do tempo, as mudanças e as permanências na vida das pessoas, revelando a profundidade e a riqueza da experiência humana. Desse modo, notamos que ao rememorar seu passado, o personagem Eulálio entrelaça sua história pessoal ao seu contexto social, com isso, Chico Buarque estabelece um jogo de encaixe com o leitor, em que diante de cada fato contado pelo personagem, é possível elaborar uma sequência histórica contextual dos costumes e dos valores da sociedade brasileira dos últimos dois séculos.

Saibam vocês que papai tem um chicote guardado ali na biblioteca, atrás da encyclopédia Larousse. Ele um dia me exibiu a peça, a correia trançada de couro de antílope, a flor-de-lis no cabo. *É um chicote fora de uso, uma relíquia familiar que ele herdou do pai, meu avô Eulálio.* Mas assim que voltar da Europa, se ouvir falar que deram na cabeça do filho, vai distribuir chibatadas às cegas por aí. Vai açoitá-los todos, não importa se homem ou mulher, vai soltar o azorrague em vocês como meu avô no velho Balbino (Buarque, 2009, p. 102, grifo nosso).

No fragmento acima, Eulálio nos apresenta através do universo ficcional, um objeto que personifica a dominação, o poder e a opressão da aristocracia durante a fase de formação do Brasil. O “chicote”, foi passado e venerado durante as gerações dos Assumpções, ele foi comprado pelo pai do tetravô de Eulálio, com o objetivo de expulsar os jesuítas, já o trisavô o utilizava para dar lições “a marujo indolente”. O seu bisavô o usava quando “pegava negro fujão”. O seu avô o utilizava para bater em Balbino e o seu pai sempre o levava quando ia encontrar suas amantes. Diante disso, é perceptível que em todas as situações o objeto é representado como símbolo de autoridade, fazendo alusão ao período em que a mulher, o negro e outras minorias não possuíam voz e nem voz em nosso país. Ademais, o chicote não é visto apenas como uma relíquia dos Assumpções, mas simboliza o poder que se perpetua de pai para filho, em conformidade com a tradição e a resistência de valores que deveriam terem sido deixados para trás.

Ainda nesse viés, a partir das memórias do senil, nos é apresentado também que o período de abolição dos escravos no Brasil não aconteceu de fato como deveria. “[...]saiba você que meu avô era um prócer abolicionista, não fosse ele e talvez todos aí estivessem até hoje tomado bordoada no quengo” (Buarque, 2009, p. 192) e “o Balbino nem era mais escravo, mas dizem que todo dia tirava a roupa e se abraçava num tronco de figueira, por necessidade de apanhar no lombo. E vovô batia de chapa, sem malícia na mão, batia mais pelo estalo que pelo suplício” (Buarque, 2009, p.102). Posto isso, notamos que mesmo após a abolição da escravidão, a prática escravista ainda se fazia presente, pois o personagem relata duas versões de seu avô acerca da escravidão, onde uma versão nega a outra. Além disso ele deixa exposto que a maioria das pessoas escravizadas continuaram nas propriedades que habitavam, realizando o mesmo trabalho escravo que prestavam antes da sua “liberdade”, por muitas vezes não ter para onde ir. Sustentando que a abolição dos escravos não aconteceu de forma rápida no Brasil.

Seus próprios escravos, depois de alforriados, escolheram permanecer nas propriedades dele. Possuía cacauais na Bahia, cafezais em São Paulo, fez fortuna, morreu no exílio e está enterrado no cemitério familiar da fazenda na raiz da serra, com capela abençoada pelo cardeal arcebispo do Rio de Janeiro (Buarque, 2009, p. 15-16).

No trecho acima, Eulálio relata que os escravos alforriados pelo seu avô escolheram ficar nas propriedades da família. Pois, eles sentiam-se agradecidos e protegidos, o que permitia que seus senhores exercitassem a dominação, estabelecendo uma relação intensa entre submissão e paternalismo. Assim, nota-se que a alforria, cuidadosamente planejada pela elite brasileira, foi apenas uma estratégia para garantir que os escravos continuassem trabalhando em suas propriedades.

Outro aspecto presente no romance que devemos analisar de maneira criteriosa, é como o autor refere-se a velhice. Na narrativa o personagem é apresentado como um homem de cem anos, que perdera tudo e que se encontra sozinho no leito do hospital, apenas esperando a morte, a relembrar seus tempos áureos de juventude, “as pessoas não se dão o trabalho de escutar um velho, e é por isso que há tantos velhos embatucados por aí, o olhar perdido, numa espécie de país estrangeiro” (Buarque,2009, p.78). Segundo Ecléa Bosi em *Memória e*

Sociedade: "o velho é alguém que se retrai de seu lugar social e este recolhimento é uma perda e um empobrecimento para todos. Então, a velhice desgostada, ao retirar suas mãos cheias de dons, torna-se uma ferida no grupo" (2009, p. 83). No Brasil, a palavra “velho” carrega uma conotação de inutilidade ou descartabilidade, é como se a velhice fosse vista como uma fase da vida em que a pessoa está completamente improdutiva.

Compreendemos através de Eulálio que a fase da velhice, é repleta de solidão, “eu ia mesmo lhe telefonar para me fazer companhia, me ler jornais, romances russos. Fica essa televisão ligada o dia inteiro, as pessoas aqui não são sociáveis” (Buarque,2009, p.10 e 11). Diante disso, podemos dizer que a necessidade que o personagem tem em ser ouvido de qualquer maneira, é uma tentativa de evitar a solidão que lhe assola. Uma vez, que ele age como se todos estivessem interessados em suas histórias, embora perceba que isso é apenas uma ilusão. Ocasionalmente uma verossimilhança ao mundo real, em que os idosos são “esquecidos” ou ignorados por sua figura e que está associada a inatividade na sociedade. Na ficção percebemos isso através de Eulálio, que embora descendente de uma família de elite que pertencera a uma classe social mais favorecida, em sua velhice é esquecido em um leito de hospital e reduzido a nada.

Não sei por que você não me alivia a dor. Todo dia a senhora levanta a persiana com bruteza e joga sol no meu rosto. Não sei que graça pode achar dos meus esgares, é uma pontada cada vez que respiro. As vezes aspiro fundo e encho os pulmões de um ar insuportável, para ter alguns segundos de conforto, expelindo a dor. Mas bem antes da doença e da velhice, talvez minha vida já fosse um pouco assim, uma dorzinha chata a me espantar o tempo todo, e de repente uma lambada atroz. (Buarque, 2009, p. 10).

Na velhice a gente dá para repetir casos antigos, porém jamais com a mesma precisão, porque cada lembrança já é um arremedo da lembrança anterior. A própria fisionomia de Matilde, um dia percebi que eu começava a esquecer-la, e era como se ela me largasse novamente. Era uma agonia, mas eu a puxava pela memória, mas sua imagem se desfria (Buarque, 2009, p. 136, grifo nosso).

Observamos nos trechos acima que a obsolescência social da velhice é urgida no romance pelas palavras de um personagem-narrador que rompem a barreira entre o vivido e o imaginado, uma vez que um está contido no outro, “mas a vocês nada disso interessa, e ainda aumentam o volume da televisão por cima da

minha voz já trêmula" (Buarque, 2009, p.51). No quarto onde ele se encontra internado, os enfermeiros não trocam uma palavra com ele, e ainda aumenta o volume da televisão para impedir que a fala do paciente lhe incomode.

Ainda nesse viés relacionado a velhice é valido ressaltar que, os idosos costumam repetir suas histórias atrelando pequenas variações, e com o personagem centenário isso também ocorre em diversas partes da narrativa. Como ele próprio sublinha, "a lembrança de velho não é confiável" (Buarque, 2009, p. 50). Ao rememorar os tempos passados, Eulálio reconhece que, a cada tentativa de lembrar, suas memórias se entrelaçam, tornando- se incertas. Ele confunde sonhos e lembranças, "[...] com isso acabo de me lembrar que o casarão não existe mais. E mesmo a fazenda na raiz da serra, *acho* que desapropriaram em 1947 para passar a rodovia" (Buarque, 2009, p. 07, grifos nosso). A partir disso, não se tem certeza se os fatos narrados realmente aconteceram ou se são apenas vestígios da imaginação confusa do velho centenário. Conduzindo nós leitores a uma constante investigação sobre os fatos explicitados pelo narrador, pois além da imprecisão em seu discurso, o narrador utiliza o termo "acho", que reforça a incerteza da veracidade em sua fala.

Segundo Bosi (2003 *apud* Nora, p.20), "[...] a memória parte [...] de um presente ávido pelo passado, cuja percepção é a apropriação veemente do que nós sabemos que não nos pertence mais". Logo na primeira página do romance, nos deparamos com Eulálio fazendo planos de se casar com a enfermeira, e em meio às promessas que ele faz a ela está a de leva-la para morar em um dos imóveis da sua família, a velha casa de férias, na Fazenda da Raiz da Serra. Mas, seus pensamentos vão aos poucos se reconstruindo, e em um súbito flash de lucidez em meio aos devaneios ele se dá conta de que não possui mais os referidos imóveis e que sua atual condição, não condiz com a que vivera em seus tempos de elite. Tal atitude pode ser compreendida, como uma tentativa do personagem em prolongar sua existência aristocrata, pois ele cria ilusões em cima do que foi real. Na narrativa o passado atua como configurador de uma identidade que é consolidada através da sua narrativa memorialista.

Você vai usar o vestido e o véu da minha mãe, e não falo assim por estar sentimental, não é por causa da morfina. Você vai dispor dos rendados, dos cristais, da baixela, das joias e do nome da minha família. Vai dar

ordens aos criados, vai montar no cavalo da minha antiga mulher. E se na fazenda ainda não houver luz elétrica, providenciarei um gerador para você ver televisão [...]. Não sei se foi sempre assim, se meus antepassados suavam debaixo de tanta roupa. [...] (Buarque, 2009, p. 05, grifo nosso).

A partir da cena descrita, salientamos para o que Henry Bergson (1999) discute em seu livro *Matéria e memória*, em que afirma que para a memória ser formada é necessário que haja imagens, que são formadas a partir da interação do sujeito com o mundo e essas interações são mantidas vivas através dos movimentos realizados pelas sinapses que ocorrem no cérebro do indivíduo. Assim, notamos que mesmo após o desaparecimento dos “rendados”, “cristais”, e as “joias”, considerados como objetos de valores para a família Assumpção Montenegro, eles continuam aparecendo nas lembranças do velho Eulálio, como forma de validação de sua riqueza e de uma identidade que não lhe pertence mais.

3.2 Memória e identidade: a construção da identidade narrativa em *Leite Derramado*

Em diversas partes do livro, é notável verificar o centenário Eulálio Assumpção se vangloriar da abundância de sua família, achando-se portador da trajetória dos seus ancestrais. Diante disso podemos dizer que sua narrativa se sustenta na memória coletiva dos seus antecessores, exibindo acontecimentos proferidos que foram passados de geração após geração. Para Pollak a memória “tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (1992, p. 204). Ou seja, a memória é um elemento fundamental para constituição do sentimento de identidade dos indivíduos. Ao observar a trajetória de vida do personagem Eulálio Montenegro d'Assumpção, é possível verificar que os aspectos da memória perpassam o coletivo sob uma ótica individual do personagem e exerce significante papel na constituição da sua identidade.

Vovô era mesmo um visionário, desenhou de próprio punho a bandeira do país, listras multicolores com um triângulo dourado no centro, e dentro do triângulo um olho. Encomendou o hino oficial ao grande Carlos Gomes, enquanto arquitetos britânicos projetavam a futura capital, Petróvia. Conquistou o apoio da igreja, da maçonaria, da imprensa, de banqueiros, de fazendeiros e do próprio imperador, a todos parecia justo que os filhos da

África pudessem retornar às suas origens, em vez de perambularem Brasil afora na miséria e na ignorância (Buarque, 2009, p. 51).

Podemos assegurar que Eulálio, em meio a sua recordação rememora as histórias dos seus antepassados, como um legado que faz parte do seu ser. Pois sua identidade está marcada pela ambiguidade, uma vez que ele foi um personagem importante na sociedade, com uma trajetória de poder, riqueza e prestígio, mas agora se encontra à margem, lidando com o desgaste da velhice e a perda de tudo aquilo que outrora significava status. Ademais, é possível verificar através da narração do personagem que o romance expressa nitidamente um panorama do Brasil, pautados nas memórias de decadência dos aspectos políticos e culturais.

Ao longo da narrativa compreendemos que a constituição da identidade do personagem tece uma crítica acerca das relações familiares e políticas que se estabeleceram desde o início na sociedade brasileira. O narrador constrói várias camadas que interligam as histórias e vivências de seus familiares em uma teia coletiva de ações que resulta da apreensão da memória e relação com o espaço que culminam as suas próprias ações. Ele resgata a história da família Assumpção, desde os primórdios enfatizando uma relação existente entre a sua família e a corte portuguesa ao lembrar que o Eulálio Ximenez d'Assumpção foi médico particular do rei de Portugal, Dom Manuel I como a denunciar que sua alto valoração sempre estivera atrelada sua linhagem, como observamos no trecho a seguir:

Então começo a recapitular as origens mais longínquas da minha família, e em mil quatrocentos e lá vai fumaça há registro de um doutor Eulálio Ximenez d'Assumpção, alquimista e médico particular de Dom Manuel I. Venho descendo sem pressa até o limiar do século XX, mas antes de entrar na minha vida propriamente, faço questão de remontar aos meus ancestrais (Buarque, 2009, p. 184-185).

Diante disso, ao perscrutar a respeito da identidade de Eulálio, a própria identidade brasileira é posta em questão, partindo-se da premissa de que Eulálio é o representante de heranças comportamentais brasileiras seculares. Ao analisar essa vertente patriarcal brasileira, Sérgio Buarque de Holanda aponta que esta é uma estrutura que sustenta a história do país, e também aborda que é a identidade herdada e reconhecida pelos brasileiros ao longo de séculos. Por isso, consideram que “somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra” (Holanda, 2002, p. 31). Uma vez que, a

nossa identidade está estritamente vinculada ao patriarcalismo, herança essa que foi deixada pelos nossos antepassados.

Ao se encontrar no ambiente hospitalar, Eulálio não reconhece este lugar como digno de sua classe, “estou neste hospital infecto, e ai não vai intenção de ofender os presentes. Não sei quem são vocês, não conheço seus nomes, mal posso virar o pescoço para ver que cara tem” (Buarque,2009, p.49). Durante o período da sua juventude, o personagem era identificado como ser social, pois sua identidade era reconhecida como a família dos Assumpção e para buscar resgatar essa identidade ele utiliza a memória como ferramenta. Pois, ainda que não admita, Eulálio sempre vivera à sombra das identidades alheias e, ao fim da vida, a memória dessa dependência aflora no personagem que atravessou gerações acreditando que teria sempre o mesmo prestígio e poder que seu pai tinha o Eulálio Ribas Assumpção, senador da República Velha.

No livro *O si mesmo como o outro*, de Paul Ricoeur (1991), o autor explicita na ótica analista das narrativas como ocorre a construção da identidade do ser e como ela corrobora para a construção da identidade narrativa, na qual salienta que as vivências dos personagens não se excluem se apresentado como fragmentos individuais, mas recorre aos fragmentos do outro para se constituir. Diante disso, verificamos que o personagem tem a necessidade de sua identidade estar atrelada a sua linhagem, pois no seu status atual de falência social ele busca consolidar sua identidade através do viés memorialista, que embora seja verdadeiro ou não os acontecimentos narrados pelo o personagem é o que o faz se sentir pertencente a esse meio.

Dessa forma, verificamos que a construção da identidade do personagem é decorrente das narrativas que moldaram a sua subjetividade. O personagem recorre das suas lembranças para buscar se assentir da sua posição onde o presente em que se vive hoje nega o seu legado. Diante disso, a formação da identidade transita de um enfoque na singularidade do indivíduo para a importância que o outro exerce na transformação do personagem ao longo da narrativa, direcionando-se para um plano mais ligado a questões íntimas, como podemos observar na passagem a seguir:

Ouço suas vozes, e posso deduzir que são pessoas do povo, sem grandes luzes, mas minha linhagem não me faz melhor que ninguém. Aqui não gozo privilégios, grito de dor e não me dão meus opiáceos. Dormimos todos em

camas rangedoras. Seria até cômico, eu aqui, todo cagado nas fraldas, dizer a vocês que tive berço. (Buarque, 2009, p.50)

Nessa passagem, observamos que o personagem apresenta a modificação que sofrera em sua subjetividade. Notamos que o personagem tem para si uma nova identidade que comprehende um paralelo do antes e depois diante das pessoas que os cercam. Eulálio, antes provido de uma vida bem consolidada agora se vê em uma desilusão da vida e dos seus anseios, o que consistirá, segundo Ricoeur (1991), também como um abalo na estrutura de toda a narrativa. Apesar de mudanças significativas na constituição do personagem em sua trajetória narrada, conseguimos evidenciar e enxergar temporalmente o que é determinante para si como constituinte do seu interior. Assim, constatamos que essa mudança seria uma espécie de “choque de realidade” que atua na elaboração de novas perspectivas do personagem.

Ademais, é válido ressaltar que toda a constituição do personagem se ressalta por um acontecimento que marca a vida do narrador-personagem e o transforma perante o ocorrido. Na narrativa, Eulálio enfrenta dois acontecimentos que foram essenciais para metamorfosear sua subjetividade, em primeiro lugar a morte de seu pai, que lhe transferiu a responsabilidade de um ser patriarca “[...] porque se não fosse eu, iria ela própria à Europa, iria ela falar grosso com os agentes financeiros do meu pai, que não respondiam a seus telegramas. Seria ela o homem da família, e eu um marmanjo que vive de mesada” (Buarque, 2009, p.56) e posteriormente o desaparecimento de Matilde “é inútil me entupir de remédios, bobagem continuar deitado nesta cama, sem minha mulher não sei dormir” (Buarque, 2009, p.107). Tais acontecimentos foram fundamentais para a transformação na vida do personagem e culminaram em seu declínio social e identitário.

Hoje sou da escória igual a vocês, e antes que me internassesem, morava com minha filha de favor numa casa de um só cômodo nos cafundós. Mal posso pagar meus cigarros, nem tenho trajes apropriados para sair de casa (Buarque, 2009, p. 50).

Podemos notar no trecho acima que o personagem passa por uma reconfiguração identitária. Sob essa ótica, a identidade da narrativa não se apresenta apenas a partir da vontade do personagem de reviver seu passado glorioso, mas se revela nas entrelinhas das nuances que acarretam o personagem em seus dilemas

existenciais. Para Ricoeur (1991), as sequências composicionais da narrativa seguem uma lógica não apenas descritiva no que tange os acontecimentos. Como observamos na obra em análise, o enredo da trama vai muito além de evidenciar o personagem de forma estática em suas vivências, mas condensa o íntimo do personagem para constituir a narrativa global.

3.3 A memória dos lugares em *Leite Derramado*

Em *Leite Derramado* (2009) observamos claramente que a narrativa é permeada por lembranças de lugares, esses espaços de vivência tanto coletivos quanto individuais exercem forte influência na constituição da identidade do personagem e são apresentados através de seus relatos memorialísticos. Eulálio faz mais do que olhar ou lembrar-se de sua trajetória, ele faz uma visita e vai ao fundo das suas lembranças para não esquecer aquele passado. Sente seu cheiro e suas sensações, e fica indo e voltando na sua história. Lembra e visita sua feliz infância, recorda-se do casarão e da fazenda de seu passado e de lugares que são significativos dos momentos de sua vida. A cidade do Rio de Janeiro é o cenário principal da narrativa, o personagem narrador utiliza-se da verossimilhança e traz para o romance bairros como Copacabana, Tijuca e espaços da cidade para enfatizar como se deu a sua derrocada e a de sua família.

Ao longo da narrativa percebemos que o narrador rememora com certa melancolia os espaços que se perderam ao longo do seu centenário para a modernidade. Ele lembra de espaços coletivos como a igreja da Candelária, o cinema Pathé, o colégio Sacré-Coeur, que desapareceram materialmente e atualmente existem somente na memória dos cariocas, pois transformaram-se em lugares funcionais ou simbólicos. Braga (2017, p.145) discute sobre espaço afirmado que “o espaço, portanto, faz parte do indivíduo, assim como o indivíduo passa a constituir aquele espaço numa simbiose de identidade, memória e pertencimento”. Em *Leite Derramado* (2009), é perceptível que o personagem rememora esses lugares, de forma a validar sua identidade, como é observado no fragmento a seguir:

Nos tempos do meu pai, sim, os banquetes no casarão eram célebres por atravessar a noite, reuniam políticos de todas as correntes e as mulheres

mais deslumbrantes da cidade. Ardiam tochas no jardim, a casa cheirava a alfazema, até as estátuas estavam de banho tomado, e eu menino gostava de circular pelos salões silenciosos e solenes, minutos antes do início da festa. Gostava de ser o dono daqueles espaços ainda imaculados, só eu com minhas sombras a deslizar no mármore, diante de garçons perfilados como sentinelas (Buarque, 2009, p. 85).

Neste trecho, Eulálio transporta-se para o passado, revisitando o casarão e os banquetes que foram símbolos de prestígio e poder. O espaço físico da casa, com seus detalhes como as tochas no jardim e o cheiro de alfazema, não apenas evoca uma sensação de requinte e esplendor, mas também serve como uma metáfora para o status social da sua família. Ao recordar esses momentos, ele reafirma sua conexão com uma realidade que já não existe mais. O fato de ele se lembrar com nostalgia do momento anterior às festas, “sozinho com suas sombras no mármore”, sugere que ele se sente, de certa forma, o “dono” daquele passado, um passado que é simultaneamente seu e que, ao mesmo tempo, parece estar distante, quase inalcançável.

Logo na primeira página do romance, nos deparamos com o desejo do narrador em retornar ao lugar em que foi feliz, “quando eu sair daqui, vamos nos casar na fazenda da minha feliz infância, lá na raiz da serra” (Buarque, 2009, p.5). Eulálio tem esse espaço como um lugar de acolhimento e proteção e por isso inicia a história demonstrando o desejo de recomeçar a sua vida nesse lugar. Além disso, os lugares de vivencia do personagem na narrativa estão organizados de forma que remota a sua derrocada, que vai desde a fazenda onde foi muito feliz quando criança ao seu último estágio da vida que se encontra em um leito de hospital público.

Nora (1993, p. 21) discute a respeito da concepção de lugares de memória afirmando que esses espaços “são lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional [...]. Os lugares de memória podem ser entendidos de maneira material, devido à sua condição física de existência; funcional, por serem espaços que geram recordações; e simbólica, pois representam algo significativo para os indivíduos e perduram ao longo do tempo. Dentro do enredo, as marcas dessas memórias de lugares são apresentadas tanto de forma positiva quanto negativa para o personagem, configurando a sua identidade narrativa.

Um outro lugar, que é descrito pelo personagem no enredo é o Chalé de Copacabana, lugar esse que Eulálio escolheu morar com sua esposa, Matilde, “a

verdade é que sem sua mãe, o chalé outrora tão solar foi se deteriorando. E por mais que se erguessem edifícios em sua volta, era a sombra de Matilde que eu via sempre em cima dele" (Buarque, 2009, p. 94). Notamos que esse lugar é descrito de duas formas pelo o personagem, em um primeiro momento ele fala que o local é "solar" e "alegre", devido a presença de sua mulher e posteriormente com o seu sumiço o lugar se tornou assombroso para o personagem, pois guarda vestígios do sentimento de abandono por parte de sua esposa. Essa dualidade entre o espaço é um elemento chave para a compreensão da identidade narrativa do personagem, Eulálio percebe que a sua felicidade no chalé de Copacabana sempre esteve atrelada à convivência com sua esposa Matilde, pois era ela que transformava o espaço com a sua alegria e vitalidade.

Além desses, outros espaços são apresentados na narrativa e validam como se deu o declínio social através dos lugares de vivência do personagem. Como sua filha Maria Eulália considerava o chalé de Copacabana antiquado perante a modernidade, incentivava seu pai a se desfazer do imóvel que já era alvo de intensa especulação imobiliária e, diante disso, Eulálio resolve desfazer-se dele e em troca da venda recebeu dois apartamentos no prédio construído em cima do seu antigo chalé, "a construtora nos pagou com dois apartamentos contíguos de sala e três quartos, no oitavo andar de um edifício do nosso terreno" (Buarque, 2009, p. 124). Tempos depois em razão de falta de privacidade de sua filha, ele se muda para um apartamento ainda menor e no desenrolar, ao longo de toda a narrativa os lugares que transmitiam valor para o personagem, vão sendo substituídos por espaços decadentes, configurando o seu declínio identitário.

O personagem que antes vivia em uma casa ampla com toda comodidade, passou a residir em um quartinho cedido por um pastor no fundo da Igreja, para que ele e sua filha não se tornassem, no fim das contas, pessoas sem teto, "mesmo vivendo em um compartimento, num endereço de gente desclassificada, na rua mais barulhenta de uma cidade-dormitório, mesmo vivendo nas condições de um hindu sem casta, em momento algum perdi a linha" (Buarque, 2009, p. 137). Ainda levando em consideração a percepção de espaço discutida por Braga (2017, p.148) o sujeito atrela o espaço a sua identidade, quando é retirado desse espaço, a não adaptação do sujeito em novos espaços gera conflitos, tornando o sujeito alheio ao meio em que vive e ao seu tempo. Como já aludido os espaços de vivência rememorados por

Eulálio surgem em declínio, elucidando o seu declínio identitário, por não se identificar com seu *status* atual.

De nada adianta me gabar de ele ter sido confidente de dona Maria Louca, se aqui ninguém faz ideia de quem foi essa rainha. Hoje sou da escória igual a vocês, e antes que me internassem, morava com minha filha de favor numa casa de um só cômodo nos cafundós. Mal posso pagar meus cigarros, nem tenho trajes apropriados para sair de casa (Buarque,2009, p.50).

Em tal trecho vê-se que o personagem tem consciência das mudanças que ocorrem em sua vida, mas mesmo diante a esse cenário, Eulálio não deixa de lado o seu discurso soberbo. Ele enfatiza sempre que possível a sua superioridade em relação aos demais, podemos atrelar tal comportamento ao sentimento de não pertencimento ao meio de vivência do personagem. Na obra em análise o monólogo do personagem também é portador de um diálogo entre tempos: presente, passado e futuro. Assim, notamos que o personagem Eulálio carrega consigo a ressonância de outras vozes, outros espaços e outras épocas, em uma narrativa que se entrelaça com o passado familiar e social de sua linhagem. Como se pode perceber no fragmento abaixo, ele rememora a figura de seu avô, um homem influente no Império:

“Meu avô foi um figurão do Império, grão-maçon e abolicionista radical, queria mandar todos os pretos brasileiros de volta para a África, mas não deu certo. Seus próprios escravos, depois de alforriados, escolheram permanecer nas propriedades dele. Possuía cacauais na Bahia, cafezais em São Paulo, fez fortuna, morreu no exílio e está enterrado no cemitério familiar da fazenda na raiz da serra, com capela abençoada pelo cardeal arcebispo do Rio de Janeiro” (Buarque, 2009, p. 15-16).

Este trecho revela como a memória de Eulálio está fortemente ligada aos espaços físicos e sociais de sua família, e como esses locais são representações de um status perdido e de uma identidade em transformação. Ao longo da obra, o narrador atrela suas lembranças a esses espaços coletivos, como a fazenda “raiz da serra”, o casarão de Botafogo e o quartinho na igreja, todos símbolos do que foi perdido ou transformado ao longo do tempo. A fazenda, por exemplo, é lembrada como um local de grandeza e felicidade, um espaço que representava o auge do poder e da fortuna de sua família, mas que desapareceu para dar lugar a outros espaços mais humildes, como o quartinho na igreja.

Essa mudança de espaços reflete a modificação da identidade do personagem, que, ao se deslocar fisicamente de lugares de prestígio para espaços de pobreza, experimenta uma transformação interior. A fazenda “raiz da serra”, que um dia foi sinônimo de poder e prosperidade, é agora uma lembrança distante. Por outro lado o quartinho cedido na igreja, onde Eulálio se vê obrigado a viver, simboliza sua queda no status social e a perda da riqueza e da influência que marcaram a sua família.

A destruição desses espaços, e a consequente perda de sua grandiosidade, geram um conflito interno no personagem, que luta para reconciliar sua identidade com um presente de empobrecimento e decadência. A modificação desses espaços, e a transformação de sua relação com eles, servem como metáforas para os conflitos vividos por Eulálio ao longo de seu centenário. Esses conflitos, alimentados pela passagem do tempo e pela mudança social, vão moldando a identidade do personagem, que se vê obrigado a reconstruir seu sentido de si mesmo diante da perda de tudo o que outrora lhe foi significativo. Portanto, a destruição desses espaços não é apenas uma perda física, mas uma transformação simbólica que afeta profundamente a percepção de quem Eulálio é e de como ele se relaciona com sua história e sua sociedade.

CONCLUSÕES E REFLEXÕES FINAIS

A obra *Leite Derramado* (2009) de Chico Buarque se configura como uma narrativa complexa e multifacetada, na qual o protagonista, Eulálio Montenegro d'Assumpção, compartilha suas memórias com uma interlocutora ou leitor(a) anônima. Através de um monólogo íntimo e reflexivo, Eulálio narra a decadente trajetória de sua família desde o período colonial brasileiro até os dias atuais, atravessando marcos históricos como o Império, a República Velha, o governo de Getúlio Vargas e o regime militar. O narrador, confinado a uma cama de hospital, busca em suas recordações um modo de se manter conectado à vida, uma vez que, para ele, a existência só se justifica através das memórias e das ações vividas, ou ainda desejadas.

A partir das análises, identificamos como a identidade do personagem influencia diretamente toda a narrativa, pois sua individualidade se modifica ao longo da obra, revelando a participação de outros personagens nessa construção. Dessa forma, fica evidente que as subjetividades que marcam o individual estão profundamente enraizadas nas vivências e nas relações diretas com o passado de outros personagens, refletindo a tentativa de compreender as problemáticas do presente. Essa interconexão entre as identidades destaca como as experiências compartilhadas e as memórias coletivas impactam a formação do eu, criando um tecido narrativo onde cada personagem contribui para a construção da identidade do protagonista.

Destacamos ainda, que no personagem Eulálio, a identidade narrativa revela-se dinâmica e em constante transformação. Através de suas memórias e das interações com outros personagens, Eulálio exemplifica como a ipseidade pode ser afetada por fatores externos, como a perda de *status social* ou a desconexão com as raízes familiares. Dessa forma, a narrativa não apenas expressa a individualidade do personagem, mas também ilustra a complexidade da identidade humana em um mundo em constante mudança.

Além disso, apontamos que a memória do personagem foi o elemento essencial para que pudéssemos fazer uma leitura, ainda que de forma alegórica da história do Brasil, ligando as memórias de Eulálio aos principais eventos históricos do país, e assim proporcionando uma reflexão sobre as questões sociais do Brasil moderno. Pois através das suas memórias, o protagonista não só revive o passado de sua família, mas também nos leva entender o reflexo desse passado no presente,

especialmente em relação aos problemas sociais e políticos que marcam a sociedade brasileira, como a escravidão.

Portanto, ao final desta análise, concluímos que as memórias de Eulálio se articularam de maneira a nos conduzir a uma reflexão sobre a constituição de sua identidade narrativa. Em virtude da natureza deste trabalho, não esgotamos todas as possibilidades analíticas e interpretativas da obra, mas esperamos ter contribuído para o entendimento e para o aprofundamento do tema, oferecendo subsídios aos futuros leitores desta monografia.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski.** Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. – 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

BERGSON, Henry. **Matéria e memória:** ensaios sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

BUARQUE, Chico. **Leite derramado.** São Paulo: Companhia das letras, 2009.

BRAGA, Herasmo de Oliveira Brito. **Neorregionalismo brasileiro:** análise de uma nova tendência da literatura brasileira. Teresina: EDUFPI, 2017.

CALQUI, Mayara de Andrade; **Entre perdas e memórias: uma leitura dos romances Leite Derramado e O Irmão Alemão, de Chico Buarque.2021.** Tese (Teoria Literária e Literatura Comparada) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2021

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade.** Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006^a

DEUS, L. P. S. e. (2017). **As raízes do Brasil em Leite derramado, de Chico Buarque.** Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea, (53), 387–409.
<https://doi.org/10.1590/2316-40185318>

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projeto de Pesquisa.** 6. ed. São Paulo. Atlas, 2021.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil.** 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Tradução Bernardo Leitão. 1. ed. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1990.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: A problemática dos lugares. Trad. Yara Aun houry. São Paulo, 1993.

OLIVEIRA, Eliane Braga de. **O conceito de memória na ciência da informação no Brasil: uma análise da produção científica dos programas de pós-graduação**. 2010. 194., il. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em:<https://repositorio.unb.br/handle/10482/7466>. Acesso em: 23 de jul. 2024.

OLIVEIRA, Franklin. **A dança das letras**: antologia crítica. Rio de Janeiro: Topbooks, 1991.

POLLAK, Michel. **Identidade e memória social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

POLLAK, Michel. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p.200 a 212.

REIS, MírianSumica Carneiro. **Velho Francisco, Leite derramado, o Brasil de Chico Buarque**: memórias da decadência em verso e prosa. Disponível em:<http://iberical.paris-sorbonne.fr/wp-content/uploads/2014/04/05-12.pdf>. Acesso em:15/12/2024.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: EdUnicamp, 2012.

RICOEUR, Paul. **O si mesmo como o outro**. Campinas: Papirus, 1991.